



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



PALOMA BRUNA SILVA DE ALMEIDA

**OS USOS NÃO DÊITICOS DAS FORMAS
AQUI, AÍ, ALI E *LÁ* NO ENSINO DE
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS**

MONOGRAFIA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Programa de Pós-Graduação em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Albuquerque

Rio de Janeiro
Dezembro de 2015

Paloma Bruna Silva de Almeida

Os usos não dêiticos das formas *aqui, aí, ali e lá* no ensino de português para estrangeiros

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu do Departamento de Letras da PUC - Rio como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Formação de Professores de Português para Estrangeiros.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Albuquerque



Rio de Janeiro
Dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por Seu amor, cuidado e provisão. Sem Ele jamais teria chegado até aqui.

A minha família por todo o suporte e incentivo a continuar estudando e me aperfeiçoando.

À minha professora orientadora Adriana Albuquerque pela receptividade e por sua orientação segura e competente que me permitiu concluir esse estudo.

Aos professores do curso que de forma excelente compartilharam seu conhecimento e experiências, nos inspirando e instigando a sermos melhores professores.

Aos meus colegas de turma que dividiram comigo as dificuldades de estudar aos sábados após uma semana de trabalho. Obrigada pelas trocas e por tornarem as aulas aos sábados mais divertidas e prazerosas. Especialmente, à Fernanda Oliveira pela companhia, conversas e amizade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	5
2. REVISÃO DA LITERATURA -----	7
2.1 A abordagem tradicional -----	7
2.2 A abordagem de estudos linguísticos baseados no uso -----	8
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA -----	11
3.1 Linguística Sistêmico-Funcional -----	11
3.2 Metafunção Ideacional -----	12
3.3 Metafunção Interpessoal -----	13
3.4 Metafunção Textual -----	14
4. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS -----	15
5. ANÁLISE DE DADOS -----	16
5.1 Usos dêiticos de <i>aqui</i> -----	16
5.2 Usos não dêiticos de <i>aqui</i> -----	16
5.3 Usos dêiticos de <i>aí</i> -----	17
5.4 Usos não dêiticos de <i>aí</i> -----	17
5.5 Usos dêiticos de <i>ali</i> -----	19
5.6 Usos não dêiticos de <i>ali</i> -----	19
5.7 Usos dêiticos de <i>lá</i> -----	20
5.8 Usos não dêiticos de <i>lá</i> -----	20
5.9 Breve análise dos livros didáticos -----	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	26
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	27

Resumo

O presente trabalho propõe-se a analisar e descrever os usos idiomáticos não prototípicos de *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* a partir dos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994).

Tendo em vista que a classificação desses itens pela gramática e pelos livros de português para estrangeiros nem sempre contempla suas diferentes funções no discurso, reduzindo sua classificação a *advérbios pronominais locativos*, busca-se, através da análise de corpora escritos proveniente do arquivo da Folha de São Paulo (1994 / 1995), fornecer uma categorização dos diferentes usos idiomáticos e não dêiticos dos vocábulos *aí*, *aqui*, *ali*, *lá*, contribuindo para uma abordagem mais completa do tópico nas aulas de PL2E.

Palavras-chave: Português para Estrangeiros. Linguística Sistêmico-Funcional. Advérbios pronominais locativos.

1. Introdução

O presente trabalho tem como tema e objeto de estudo os vocábulos *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* e suas diferentes funções no discurso.

Segundo Castilho (2012), a língua tem funções cognitivas e sociais responsáveis pela determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma determinada língua. Dessa forma, para a teoria funcionalista, a gramática está suscetível ao uso a partir das escolhas realizadas pelo enunciador em seu discurso.

A gramática tradicional classifica os vocábulos *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* como advérbios locativos. No entanto, há situações comunicativas em que esses vocábulos não apresentam a classificação prototípica, como verificamos no exemplos a seguir:

(1) Aí, pede pra Carol te dar umas aulas.

(2) E eu lá tenho cara de explicadora.

(Transcrição do episódio 'Deixa Voar' do filme *Cinco vezes Favela – Agora por nós mesmos*)

(3) Nesta era de privatização intensiva espocam, aqui e ali, exemplos de romantismo patrimonialista . (Folha de São Paulo - FSP950903-014)

A partir do referencial teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994) e de uma revisão da literatura a respeito dos advérbios pronominais locativos, este trabalho tem como objeto de estudo os usos idiomáticos não prototípicos, tendo como objetivo analisar e descrever esses usos.

A motivação para essa pesquisa encontra-se no fato de os vocábulos *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* nem sempre se enquadrarem na classificação de advérbios locativos, apresentando diferentes usos não contemplados pela gramática e pelos livros didáticos de português para estrangeiros. Dessa forma, a categorização desses usos idiomáticos contribui para a abordagem do tópico de maneira mais completa em aulas de PL2E.

O trabalho está organizado em quatro seções principais. Inicialmente, apresentamos a revisão da literatura partindo da Gramática Tradicional (Cunha & Cintra, 2010; Bechara, 2012; Azeredo, 2004) até a gramática de usos (Neves, 2011; Castilho, 2010; Oliveira e Aguiar, 2012) no que se refere aos vocábulos “aqui”, “aí”, “lá” e “ali”. A seção três apresenta os pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional que sustentam a análise. A seção quatro apresenta a metodologia, explicitando o objeto de estudo, a origem dos dados e as hipóteses que envolvem o trabalho. Na seção cinco, encontra-se a análise propriamente dita dos dados.

2. Revisão da Literatura

Nesta seção apresentamos algumas das abordagens sobre advérbios locativos a partir de diferentes pontos de vista. Começamos com a abordagem da Gramática Tradicional. Posteriormente, apresentamos a discussão do tema a partir de estudos linguísticos baseados no uso.

2.1 A abordagem tradicional

Em relação à classe dos advérbios, Cunha & Cintra (2010, 5ª edição, p.555) os definem como “fundamentalmente, um modificador de verbo”, podendo, certos advérbios, terem acrescidas funções privativas; chamados pelos autores de *advérbios de intensidade*. Segundo Cunha & Cintra (op. cit.), esses advérbios podem reforçar o sentido de um adjetivo, advérbio ou oração.

Os autores definem como advérbios de lugar: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto, etc.*

Cunha & Cintra (op. cit.) apresentam ainda uma ressalva a respeito de alguns vocábulos que não se enquadravam, em alguns contextos, como pertencentes à classe dos advérbios por não modificarem o verbo, adjetivo ou outro advérbio; dando a eles o nome de *palavras denotativas*. Dentre as palavras destacadas, aparece o vocábulo “lá” classificado como palavra denotadora de realce.

Bechara (2012) acrescenta que “o advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal”. O autor afirma ainda que “fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração.”

Semelhantemente a Bechara (op. cit.), Azeredo (op. cit.) afirma que os advérbios são empregados a fim de localizar no tempo e no espaço aquilo a que fazemos referência em nosso discurso, exprimindo basicamente posições temporais relacionadas a um ponto na linha do tempo e posições espaciais relativas a um ponto no espaço.

Dessa forma, a partir dessa breve revisão das abordagens tradicionais, as formas *aí, aqui, ali, lá* são alocadas como pertencentes à classe dos advérbios de

lugar; são elementos dêiticos que apontam para a localização de pessoas, objetos e/ou eventos em um determinado espaço. Quanto à sua posição na sentença, as gramáticas afirmam que podem colocar-se antes ou depois do verbo.

2.2 A abordagem de estudos linguísticos baseados no uso

De acordo com a Gramática de Usos do Português (Neves, 2011), os chamados advérbios de lugar pertencem à categoria dos advérbios circunstanciais por não operarem sobre o valor de verdade da oração. Segundo a autora, “lugar e tempo são categorias dêiticas, isto é, categorias que fazem orientação por referência ao falante e ao **aqui- agora**, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala.” (p.256). Assim, é possível encontrar um advérbio de lugar indicando tempo e um advérbio de tempo indicando lugar, como mostram, respectivamente, os exemplos retirados da *Gramática de Usos do Português* e reproduzidos em (4) e (5).

(4) Domício e Bento saíram para copiá e lá ficaram de boca fechada à espera de qualquer coisa, Foi aí que eles ouviram um choro alto.

(5) Depois da sala de jantar vinha um terraço espaçoso.

Ainda a respeito dos advérbios circunstanciais, a autora afirma que estes são governados por relações dentro do enunciado e pelas relações que ocorrem entre enunciado e enunciação.

A respeito da propriedade dêitica dos advérbios de lugar, Castilho (2010) aponta para a sua natureza argumental, podendo ser considerado um sujeito ou complemento, exemplificado pelo autor através do exemplo aqui reproduzido em (6).

(6) Aqui é São Paulo, lá é Belo Horizonte.

Neves (op. cit.) subdivide os advérbios de lugar em dois grupos: *fóricos* e *não fóricos*. Os primeiros remetem a algum elemento que esteja dentro ou fora do enunciado. Os advérbios *não fóricos*, por sua vez, apresentam apenas a expressão da circunstância.

Os advérbios de lugar *fóricos* referem-se à circunstâncias que devem ser recuperadas, mas não expressam uma circunstância por si só. Segundo a autora, podem recuperar essa circunstância a partir de uma *exófora* - recupera um referente fora da superfície do texto – ou no texto por meio de *endófora* (anáfora e catáfora), como mostram respectivamente os exemplos reproduzidos a seguir em (7) e (8).

(7) Eu vou lá em cima.

(8) Nada há no mundo de estável em sua essência. Aqui entra a teoria marxista sobre o movimento.

Neves (o. cit.) afirma que

esses advérbios indicam circunstância, relacionando-se com o eixo falante/ouvinte. Trata-se de uma circunstância ancorada no circuito de comunicação, referida aos participantes do discurso ou a pontos de referência do texto, numa escala de proximidade espacial. (p.258)

Dessa forma, a autora afirma que, *em princípio*, a forma “aqui” indica lugar próximo ao falante (primeira pessoa do discurso), a forma “aí” indica lugar próximo ao ouvinte (segunda pessoa do discurso) e a forma “lá” indica um lugar distante tanto do falante quanto do ouvinte (terceira pessoa do discurso), conforme ilustram os exemplos a seguir:

(9) Aqui nesta mesa eu não quero conversa sobre este cabra Aparício (CA)

(10) E você aí, como é o seu nome? (RO)

(11) Eu penso que se chegarmos lá na tarde do sábado, poderemos pegar as chaves dar uma olhada rápida na mansão (ACM)

É importante salientar que, por serem considerados advérbios pronominais, as formas “aqui”, “ali”, “aí” e “lá” são classificados apenas como *fóricos*.

Oliveira e Aguiar (2012) apresentam uma análise sincrônica do processo de derivação semântico-sintático das formas *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* da classe de pronomes adverbiais locativos para a classe dos clíticos com dados provenientes de textos falados e escritos do corpus “Discurso & Gramática”. De acordo com as

autoras, esse processo de derivação se dá por conta do grau de abstratização do sentido locativo desses elementos em determinados contextos. Dentro de uma perspectiva de gramaticalização e a unidirecionalidade desse processo, as autoras postulam a derivação funcional *dêixis* > *foricidade* > *cliticização* das formas *aí*, *aqui*, *ali*, *lá*. Assim, “a função dêitica seria a originadora dos usos fóricos, e, na sequência, seriam derivados os papéis clíticos.”

As autoras apontam que o uso dêitico é considerado o mais básico dos advérbios pronominais locativos, uma vez que aponta para o contexto externo, como mostra o exemplo em (12). A foricidade como segundo ponto do processo de derivação faz com que a referência textual ganhe destaque, as formas apontam para o contexto linguístico, como observado em (13). Por fim, no último estágio da derivação, os advérbios pronominais locativos aparecem como clíticos, atuando como forma dependente do SN a que sucede como mostra o exemplo em (14).

(12) “‘eh: : isso é um assalto... você me dá o seu dinheiro que você tem *aí*: : e esse **relógio *aí***”... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NEP escrita)

(13) “ele conheceu um... **um cara *lá*** em Friburgo... que roubaram o carro dele... há pouco tempo *aqui* em Fri/ *aqui* no Rio...” (Rafaela – 24 anos – RJ – NR oral)

(14) “tenho... tenho muito... até **essas *menininha *aí**** que... que... que não gosta de falar com...com menino... fala... que a professora até falou “ó não precisa ter vergonha... e vai falar com todo mundo” *aí* todo mundo fala...” (Flávio – 10 anos – Niterói – RO oral)

3. Fundamentação Teórica

Como afirmado anteriormente, nossa pesquisa se baseia nos pressupostos do Funcionalismo, mais precisamente na Linguística Sistêmico-Funcional. Dessa maneira, a análise linguística tem como foco o contexto linguístico, onde estão as motivações para os discursos produzidos e seus significados.

Nas subseções a seguir apresentamos uma síntese dos pontos da teoria que contribuem para a nossa análise.

3.1 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) teve seu desenvolvimento durante os anos 80 a partir dos estudos desenvolvidos por Halliday e Matthiessen. Como contraponto à linguística formal, a perspectiva funcionalista busca uma análise da estrutura gramatical a partir da situação comunicativa que engloba o evento comunicativo, os participantes desse evento e o contexto discursivo.

Dessa forma, sendo um dos braços do funcionalismo, a LSF tem como principal característica basear suas investigações linguísticas na comunicação e interação entre os usuários da língua, ou seja, no campo social. Trata-se de uma teoria cujo foco reside em entender de que maneira se dá essa comunicação tendo como ponto de partida o significado e não a forma. Embora leve em conta a estrutura e a forma, a LSF postula que é o significado que determina a forma, uma vez que as escolhas dos falantes, no que se refere à forma, estão presas a contextos específicos e ao significado que se deseja veicular. É importante salientar que o termo ‘escolha’ aqui apresentado não se refere a uma ação necessariamente consciente e livre por parte do falante, uma vez que “a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz relações simultâneas, seja qual for o uso que esteja fazendo da língua.” (Halliday, 1973 p. 365)

Halliday propõe que a língua é um sistema de significados em potencial e que cada escolha realizada dá origem a novas opções em uma rede e à criação de novos significados. A gramática é compreendida como um sistema de realização

dos padrões que surgem da necessidade que os usuários têm de interagir e fazer sentido dessa interação, não sendo possível fazer uma análise linguística sem levar em conta o uso.

De acordo com a LSF, o texto é uma unidade semântica que transmite seu significado através sequências de itens gramaticais e lexicais. No entanto, a teoria propõe que é através de elementos culturais que o falante escolhe os elementos que constarão em seu texto, ou seja, as formas de interação e o conteúdo desta estão ligados à cultura dos usuários da língua. Assim, os elementos que constituem a interação poderão modificar o registro do texto, por exemplo, a depender da finalidade daquela interação.

Barbara e Macêdo (2009) afirmam que “Uma maneira de entender uma sociedade é analisar os textos por ela produzidos porque é pela linguagem que o indivíduo revela seus valores e suas representações.” Para essa análise, a LSF dispõe de instrumentos que permitem uma análise detalhada e eficaz da linguagem a fim de compreender sua função a partir da observação de todos os aspectos envolvidos na produção: participantes, momento da enunciação, espaço da enunciação e meio de produção.

Halliday (2004) propõe ainda três metafunções da linguagem, detalhadas nas subseções a seguir, a fim de explicar de que maneira as necessidades dos usuários da língua e a interação podem modifica-la.

3.2 Metafunção Ideacional

De acordo com Halliday & Hassan (1989), a *metafunção ideacional* diz respeito à possibilidade de manifestar ideias e criar significados experienciais a respeito do mundo através da linguagem. A oração é o meio pelo qual esses significados e ideias ganham forma.

Para a LSF, os elementos lexicais têm uma estrutura própria, uma sistematicidade, uma vez que apresenta regras de colocação e formas de realização das palavras nos diversos contextos.

A *metafunção ideacional* apresenta dois componentes. O primeiro, denominado experiencial, está relacionado ao conteúdo interno da oração, ou seja, a transitividade. Nesse caso, o foco está no processo e nos elementos que envolvem esse processo: os participantes e as circunstâncias. O componente lógico, por sua vez, refere-se aos significados relacionados à organização nos níveis abaixo da oração (grupos de verbos e nomes) e acima da oração (coesão textual).

Com o objetivo de exemplificar a *metafunção ideacional* Barbara e Macedo (op. cit.) citam o trabalho de Assumpção (2008) que, a partir da análise de verbo como: liderar, dominar, conquistar, ligados à figura da mulher em reportagens de jornais, observa que já um grande número de processos que representam luta, sugerindo que a mulher passou a ir contra aquilo que estava previamente estabelecido.

3.3 **Metafunção Interpessoal**

A metafunção interpessoal, como já sugere o nome, diz respeito às relações e intenções dos participantes na interação. A linguagem possibilita trocas entre falantes e ouvintes que interagem a partir do grau de distância / proximidade, da camada social a que pertencem, da faixa etária, da responsabilidade que assumem diante da mensagem e de que maneira a transmitem; resultando na escolha referente à modalidade e ao modo.

A fim de exemplificar a *metafunção interpessoal*, as autoras citam o trabalho de Macêdo (1999) a respeito das escolhas de modalidade e preservação de face dos participantes em cartas de reclamação. A partir da análise dessas cartas, a autora observou que o cliente, ao fazer uso da modalidade alta em relação às obrigações e deveres da empresa que não foram cumpridos, utiliza-se do operador modal 'dever' a fim de expressar o não cumprimento das obrigações da empresa, como reproduzido em (15).

(15) me vejo *vergonhosamente* obrigado a comprar as mesmas que *deveria* ter recebido em casa

Ao passo que a empresa faz uso do modal ‘poder’ para referir-se a ação futura objetivando demonstrar a capacidade da empresa em fazer algo no futuro que satisfaça o cliente; salientando-se ainda que ‘poder’ geralmente aparece em uma oração de finalidade, como reproduzido em (16).

(16) Aproveitamos a oportunidade para enfatizar a importância de recolher os produtos defeituosos, pois só através de análise pormenorizada *poderemos* compreender a falha.

3.4 Metafunção Textual

A *metafunção textual* é responsável pela organização em texto do que foi gerado pela *metafunção ideacional* e *interpessoal* através da variável modo. Segundo Halliday (op. cit.), a *metafunção textual* é o estudo da organização das orações no nível textual. As escolhas feitas pelo falante refletem na maneira pela qual a mensagem as ideias são construídas. Assim, através de suas decisões, o falante determina que componentes de seu texto serão tema/rema, dado/novo.

Para exemplificar uma análise a partir da *metafunção textual*, as autoras citam o trabalho de Sousa (2007) que analisa a produção escrita de alunos de um curso preparatório com a finalidade de verificar a maneira pela qual esses textos são estruturados, observando a estruturação dos textos avaliados positivamente pelos professores e os avaliados como insatisfatórios.

4. Pressupostos Metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida a partir de corpora escritos proveniente do arquivo da Folha de São Paulo (1994/ 1995) do site Linguateca (www.linguateca.pt). O objeto de estudo desta pesquisa, como já mencionado anteriormente, são os usos não prototípicos dos advérbios pronominais *aí*, *aqui*, *ali*, *lá*. A análise desses elementos se dará nos níveis semântico interpretativo e sintático-semântico.

A pesquisa será desenvolvida com base nos seguintes objetivos:

- (i) Descrever os diferentes usos e funções de *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* no discurso categorizando-os;
- (ii) analisar a abordagem do tema em livros didáticos de PLE,
- (iii) Contribuir para o ensino de PL2E fornecendo subsídios para a abordagem do tema em sala de aula.

As hipóteses associadas aos objetivos descritos são:

- (i') ainda que classificados como advérbios de lugar, *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* muitas vezes não designam lugar, apresentando diferentes usos não prototípicos diretamente relacionados ao contexto discursivo;
- (ii') os usos não contemplados pela gramática tradicional não são contemplados nos livros didáticos de português para estrangeiros.

5. Análise de Dados

Como já mencionado anteriormente, foram analisados textos jornalísticos da Folha de São Paulo (1994, 1995). Embora o foco da análise não seja quantitativo, para organização da pesquisa, foram recolhidas e analisadas as 30 primeiras ocorrências que apareceram no mecanismo de busca do site *Linguateca* (www.linguateca.pt) para cada um dos advérbios pronominais analisados. Sendo importante salientar que a numeração dos exemplos nessa seção segue a numeração estabelecida no Anexo que se encontra após a seção de referências bibliográficas.

Nas subseções a seguir, os advérbios pronominais serão analisados no nível semântico interpretativo e no nível sintático-semântico, seguindo a ordem: *aqui, aí, ali e lá*.

5.1 Usos dêiticos de *aqui*

Das trinta ocorrências analisadas em relação ao advérbio pronominal *aqui*, 27 apresentaram o uso dêitico prototípico, conforme exemplificado em (6).

(6) *FSP950810-102*: Mas aí um repórter do Jornal da Record do Chico Pinheiro foi até o prédio da firma do Dallari e perguntou pro porteiro: “O Dallari tem aparecido por **aqui**?”

No exemplo em (6) a forma *aqui* aparece em sua função dêitica prototípica, ou seja, referindo-se a um lugar próximo ao falante. Na fala do repórter, o locativo *aqui* se refere ao *prédio da firma do Dallari* onde o repórter se encontra no momento da enunciação.

5.2 Usos não dêiticos de *aqui*

Em relação aos usos que não se referem a lugar, foram encontradas 3 ocorrências da forma *aqui* não dêitica, como mostra o exemplo em (2)

(2) *FSP950114-011*: «Escute **aqui** Francisco Weffort: quando e / se nos pilhássemos na mesma calçada, eu correria o risco de ser atropelado, tal a pressa com que me moveria em mudar para a oposta.

Em (2), a forma *aqui* se apresenta como parte de uma expressão muito presente na fala do brasileiro, usada quando deseja chamar a atenção de seu interlocutor para que preste atenção no que será dito naquele momento. Essa expressão é formada pelo verbo *escutar* (na forma imperativa) + *aqui*. Nesse contexto, a forma *aqui* deixa sua função prototípica de dêitico a fim de formar uma expressão com significado específico. Vale ainda ressaltar que o verbo *escutar* pode aparecer nas formas imperativas “*escute*” e “*escuta*”. Tendo em vista que analisamos aqui textos jornalísticos, o uso do imperativo mais formal faz jus à formalidade do texto. Além disso, o uso do imperativo formal “*escute*” no exemplo sugere ainda um distanciamento por parte do falante em relação a seu interlocutor.

Sob o ponto de vista da teoria Sistêmico Funcional, a análise dos usos da forma *aqui* demonstra que não há restrição à função dêitica de ‘lugar próximo do falante’, conforme exemplificado acima em (2). Antes, a forma está a serviço da função, da organização das ideias do indivíduo.

5.3 Usos dêiticos de *aí*

No que se refere ao advérbio pronominal *aí*, das 30 ocorrências analisadas, 4 apresentaram uso dêitico prototípico de ‘lugar próximo do ouvinte’, conforme exemplificado em (3).

(3) *FSP940506-105*: A publicitária Sandra Cavalcanti, 21, foi barrada na porta do cemitério do Morumbi. Ela estava vestida de preto e disse que não deu tempo para pegar o adesivo que permitia a entrada ao cemitério. “Não deu para eu ir no velório e fiquei sem convite. Meu tio está **aí**, veio de helicóptero», disse .

Em (3), a forma *aí* se apresenta como um dêitico locativo, sendo usado, no discurso da publicitária, para fazer referência ao local do velório em que a pessoa a quem se refere (seu tio) e seu interlocutor se encontram.

5.4 Usos não dêiticos de *aí*

O advérbio pronominal *aí* se mostrou muito produtivo no que se refere à quantidade de funções que apresenta no texto, além da função locativa inicialmente esperada, como mostram os exemplos a seguir:

Em (4), a forma *aí* acompanhada da preposição *por* funciona como elemento fórico, retomando as taxas da inflação já mencionadas no discurso, além de mostrar que há mais informações por vir.

(4) *FSP950705-057*: Pela primeira vez desde o início do ano, os alimentos têm aumento considerável de preço e devem pressionar a inflação. As tabelas de julho dos supermercados paulistas já trazem altas de 7% a 8% nos preços dos biscoitos. O pão francês subiu 22% nas padarias na semana passada. Os reajustes não param por **aí**.

Em (6), a forma *aí* se apresenta como um elemento que introduz a adição de ideias ao longo do discurso.

(6) *FSP940320-158*: O jogador brasileiro não pode ser muito pressionado, por que **aí** ele perde a sua melhor característica: a fantasia e a criação.

Em (13), o advérbio pronominal se apresenta como parte integrante de uma expressão popular entre os brasileiros “Sair por *aí*” que significa “sair sem um destino certo ou previamente conhecido”. Nessa expressão, o verbo poderá vir no infinitivo, como no exemplo, ou conjugado no presente, passado ou futuro.

A expressão de fato pode ser traduzida por *verbo + por aí*, visto que é possível a inserção de diferentes verbos à expressão, tais como: andar, correr, falar, dizer; entre outros. A escolha dos verbos certamente altera o sentido da expressão, porém, em todas elas mantem-se a ideia de que a ação é realizada em um lugar que não é claramente conhecido pelo falante.

(13) *FSP941106-017*: *Ciro Gomes não tem o que fazer no Ministério da Fazenda. As decisões ali são da equipe já encontrada por ele, ficando-lhe um papel apenas figurativo. Sair por **aí**, a cada dia falando para um pequeno auditório, pareceu-lhe melhor do que o ócio evidente em Brasília.*

Assim como vimos em (13), no exemplo (24) temos, mais uma vez a forma *aí* como parte da expressão “não estar nem *aí*” veiculando o sentido de descaso em relação a uma pessoa ou situação. Nessa expressão, o verbo ‘estar’ pode ser encontrado tanto no infinitivo quanto conjugado no presente, passado ou futuro. No exemplo, a reportagem apresenta a fala de Ana que afirma não se importar com as opiniões e pressões de outros.

(24) *FSP940109-101*: Ana afirma compensar o vazio afetivo e sexual trabalhando mais, encontrando a família e cuidando de si. “Não estou nem **ai** para a pressão das pessoas”.

A análise dos usos da forma *ai* sob o ponto de vista da teoria Sistêmico Funcional, mais precisamente da metafunção interacional, demonstra que o uso está diretamente relacionado às intenções comunicativas do falante; o que pode ser uma das explicações para a produtividade e diversidade de expressões com *ai*. A possibilidade de combinações da forma *ai* com outros elementos permite grande variedade de usos e significados; mostrando mais uma vez que a forma está a serviço da função.

Neste momento, é igualmente importante salientar que algumas expressões não foram contempladas na análise em razão das restrições na construção do banco de dados, o que não significa que ignoramos sua existência.

5.5 Usos dêiticos de *ali*

Sobre os advérbios pronominais *ali*, das 30 ocorrências analisadas, 16 apresentam o uso dêitico locativo, como exemplificado em (8).

(8) *FSP950216-129*: Foi **ali**, no nº 30 da avenida Lafayette, em uma bela sala de concertos e espetáculos, que a MTV gravou o acústico do The Cranberries, novo grupo que vem conquistando cada vez mais público, principalmente depois de integrar trilhas sonoras de filmes como «Prét- à-Porter» e «Boys on the Side»

No exemplo acima, o dêitico *ali* aponta para um lugar físico que se encontra distante do enunciador.

5.6 Usos não dêiticos de *ali*

Das ocorrências analisadas, 14 apresentam funções para além do uso dêitico do advérbio pronominal *ali*, como é possível observar em (1) e (3). No primeiro exemplo, a forma *ali* funciona como elemento fórico, retomando e resumindo o que foi mencionado anteriormente no discurso (a consolidação do Mercosul).

Em (3), temos uma construção formada por *verbo + aqui e ali*. Nesse contexto, as formas *aqui* e *ali* não apontam para um lugar físico específico próximo e distante do falante como ocorre no uso prototípico; pelo contrário, referem-se a uma localização indefinida. O falante tem conhecimento da ação, porém não sabe ou prefere não especificar o lugar exato em que se dá a ação.

(1) *FSP941231-035*: O Plano Real "virou a cabeça dos argentinos" e consolidou o Mercosul. Até **ali**, o Brasil era visto como um elefante desastrado e a possibilidade de associação ao Nafta (Eua, Canadá e México) provocava «excitação» em alguns países .

(3) *FSP950903-014*: Nesta era de privatização intensiva espocam, **aqui** e **ali**, exemplos de romantismo patrimonialista.

A análise da forma *ali* demonstrou bastante equilíbrio entre o uso dêitico e não dêitico. Sob o ponto de vista da função metatextual, ao observarmos as ocorrências analisadas, é possível perceber que a forma pode aparecer tanto como parte de uma expressão quanto com intenção por parte do enunciador de retomar elementos do discurso mencionados anteriormente.

5.7 Usos dêíticos de *lá*

Em relação à forma *lá*, das 30 ocorrências analisadas, 16 apresentam o *lá* como dêitico locativo, conforme o exemplo em (8). No exemplo a seguir, a forma *lá* ao mesmo tempo em que aponta para um lugar específico (almoço de Távola), atua como elemento fórico ao retomar o lugar mencionado no discurso.

(8) *FSP940921-115*: No almoço de Távola estavam presentes o cirurgião Ivo Pitanguy, o empresário Ricardo Amaral, o cineasta Cacá Diegues e a atriz Regina Duarte. Dona Neuma da Mangueira também estava **lá** .

5.8 Usos não dêíticos de *lá*

A forma *lá* não dêítica, assim como observado com a forma *aí*, mostrou-se muito produtiva no que se refere aos diferentes sentidos veiculados.

(1) *FSP950404-093*: Marcelinho - Desde a partida contra a Portuguesa eu me senti obrigado a provar que ainda sei jogar. Mas, para mim, o campeonato

começou no jogo contra o São Paulo. Desde **lá**, passei a atuar na posição que gosto e mantive uma sequência de gols .

No exemplo acima, a forma *lá* apresenta função fórica ao retomar um elemento linguístico já mencionado no discurso (campeonato contra o São Paulo).

Em (5), o advérbio pronominal *lá* faz parte de uma expressão formada pelo verbo *saber* + *lá*, referindo-se a uma situação ou elemento indefinido, incerto. Sendo importante salientar que o verbo *saber* deve estar conjugado no presente do indicativo.

5) *FSP940128-160*: Sem esse homem, como o foi igualmente Jerônimo Bastos, que nunca arredou pé da concentração, no México, o Brasil estará navegando em mares borrascosos e poderá ser novamente surpreendido pela tenacidade dos alemães, a picardia dos argentinos, a decisão dos italianos ou **sabe lá**, uma zebra neste futebol renovador que está acontecendo no mundo .

É importante ressaltar a existência da expressão “sei lá” que, embora apresente o mesmo verbo (*saber*) junto com a forma *lá*, não pode ser considerada semanticamente equivalente à expressão “sabe lá”. Esta, como já mencionado, faz referência a algo de que o falante não tem certeza para afirmar; já na expressão “sei lá”, o verbo sempre aparecerá conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo com uma carga de agressividade por parte do falante ou uma tentativa de se desvencilhar de uma questão indesejada, como observado no exemplo em (9).

(9) *FSP951023-090*: Em crônica muito citada Machado de Assis, no século passado, profetizou que o mau gosto das autoridades ainda transformaria a baía de Guanabara em um circo de cavalinhos. Ali no Posto 2 foi erguido um mini maracanã de palitos metálicos. Sei **lá**, quem sou para duvidar de tais crenças ?

No exemplo a seguir, a forma *lá* também faz parte de uma expressão muito comum para os brasileiros “deixar para lá”. Trata-se de uma expressão fixa em que o verbo *deixar* pode ser apresentar na forma do infinitivo, ou conjugado no presente, passado futuro, imperativo, ou ainda no gerúndio conforme observado no exemplo. A expressão ‘deixar pra lá’ veicula o sentido de não se importar, deixar de lado ou até esquecer determinada situação.

3) *FSP940416-007*: Massacrada, ela ameaça suicídio. Imagino o estupor, a convulsão nacional, o pânico se o Betinho ameaçasse coisa equivalente: "Amanhã vou me suicidar por causa da lista do bicho!" O sol não levantaria na manhã seguinte. Deixando pra **lá** os mendigos que estão comendo carne humana, o bispo de 78 anos tão inocente como uma criança de cinco, a anatomia avantajada da representante do povo de Rondônia, detenho-me, contrito, diante da estupidez humana, a começar pela minha própria estupidez.

A expressão ‘lá vamos nós’ que aparece no exemplo em (8) é usada para referir-se a uma constatação por parte do falante a respeito de uma determinada situação que está para começar tendo sido experienciada ou não anteriormente, podendo ainda apresentar valor tanto positivo quanto negativo. No exemplo em questão, trata-se de uma experiência negativa já vivenciada pelo enunciador.

8) *FSP950911-010*: pensar que ainda nos chamam de indisciplinados. Com a implantação de mais uma sistemática incoerente, desta vez no trânsito, nossa população dá mostras de uma disciplina cega, obedecendo a mais nova atitude inconsequente de nossos legisladores, que têm o descaramento de impor-nos outra penalidade ao invés de atacar as verdadeiras causas que tornam o trânsito paulistano caótico. E **lá** vamos nós, novamente assumindo a culpa pela poluição e desorganização do trânsito.

O exemplo em (7) apresenta duas ocorrências da forma *lá*. A primeira tem função fórica, retomando um termo já mencionado no discurso (México). Na segunda, a forma *lá* faz parte de uma expressão ‘chegar + lá’ cujo sentido é ‘atingir um alvo / objetivo’, em geral, de valor positivo. O verbo ‘chegar’ pode aparecer no infinitivo ou conjugado no presente, passado ou futuro. Em (7), o enunciador afirma que o Brasil ainda não atingiu o alvo de apresentar porcentagens semelhantes a do México.

(7) *FSP950706-006*: Compreende-se o irritado desabafo do presidente. Ele e seus correligionários todos os dias avisam e lamentam que o Brasil não é o México ainda. **Lá**, 0,3% da população detêm 56% da renda nacional. O Brasil ainda não chegou **lá**.

Em (10) temos uma expressão acompanhada de outro elemento locativo ‘cá’. A expressão “de lá para cá” traz a ideia de uma situação que passou por uma transição.

(10) *FSP940218-149*: Na ocasião, comentava a pesquisa do Núcleo de Estudos da Violência sobre este assunto, com base em dados de 1990, a qual apontava que

cerca de 994 crianças e jovens haviam sido assassinados no Estado de São Paulo, significando uma média perversa de 2,7 mortes por dia. Comentava, ainda, a força da pesquisa, que, desvendando uma situação dramática, pretendia lançar luzes sobre este problema com o qual é impossível conviver numa sociedade que se pretenda civilizada. De **lá** para cá Alea caiu no ostracismo e não se adaptou ao modelo soviético de cinema real-socialista.

Em (12), temos mais uma expressão com a forma *lá* presente na fala dos brasileiros. A expressão “e olhe lá” configura-se como uma expressão fixa em que os elementos não podem ser substituídos trazendo a ideia de que alguma situação ou ação é tida como além do previsto ou desejado do ponto de vista do falante. Para o enunciador do exemplo em questão, o preço de CR\$ 1,00 pela biografia do Brizola já ultrapassa o que se estaria disposto a pagar.

12) *FSP940128-202*: Notícia: o Brizola lançou sua biografia em vídeo. Campanha no ar! Pelo preço simbólico de CR\$ 1.000. Simbólico?! Em se tratando do vídeo, pra mim é uma fortuna. Simbólico seria CR\$ 1,00. E olhe **lá** !

Embora apresente o mesmo verbo (olhar), a expressão “olha lá” não pode ser considerada semanticamente equivalente à expressão “e olhe lá”. A expressão “olha lá” pode apresentar o sentido de surpresa; o enunciador está diante de algo inesperado, em geral, positivo, como na sentença “Olha lá o João de roupa nova”. Há também o sentido de repreensão, aviso ou advertência. Além da entonação, a expressão poderá vir acompanhada da forma “hein”, como na sentença “Olha lá, hein. Depois não diga que eu não avisei”. É importante salientar que este segundo uso aparece em contextos mais informais. Além disso, o verbo “olhar” estará sempre no imperativo informal.

Assim como a forma *aí*, a forma *lá*, se mostrou bastante produtiva no que se refere à quantidade e diversidade de expressões em que se insere. Observa-se assim que é a intenção do enunciador que rege os diferentes usos, conforme defende a LSF.

O trabalho com a teoria da Linguística Sistêmico Funcional nos permite analisar o corpus com base no enunciador, tendo em vista que as escolhas linguísticas por ele realizadas estão diretamente relacionadas às suas intenções comunicativas. Dessa forma, a análise dos advérbios pronominais *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* vai além do que a gramática prescreve, estando a serviço da função.

A análise das formas dos advérbios pronominais *aí, aqui, ali, lá* aqui realizada demonstra que são as necessidades dos usuários da língua e a interação que modificam os usos. Assim, a partir da situação em que o discurso foi produzido, verificamos que, sob o ponto de vista da metafunção ideacional, as formas *aí, aqui, ali, lá* não se restringem à função dêitica de lugar. Embora esta função ainda esteja bastante presente, há usos que se afastam, em um *continuum*, do uso prototípico previsto pela gramática.

Em uma análise a partir da metafunção interacional, observamos que os usos das formas *aí, aqui, ali, lá* estão diretamente relacionados às intenções comunicativas do falante. Seu uso, portanto, tem a ver com a mensagem que o falante deseja passar do que com o significado do item lexical isolado do contexto.

Por fim, partindo da metafunção textual, observamos que as ocorrências das formas analisadas podem se apresentar tanto como parte componente de expressões sejam estas fixas ou não que apresentam significados particulares, quanto fora de expressões com o objetivo de retomar elementos do discurso mencionados anteriormente.

5.9 Breve análise dos livros didáticos

Como parte dos objetivos do presente trabalho, analisamos a abordagem das formas *aí, aqui, ali, lá* em livros didáticos de PLE. Os livros escolhidos foram: *Falar, Ler, escrever* e *Novo Avenida Brasil 3*. Em ambos os livros a abordagem dos advérbios pronominais *aí, aqui, ali, lá* se restringiu à função de advérbios de lugar. Além disso, a apresentação dessas formas, nas duas obras, vem acompanhada dos pronomes demonstrativos *este/isto, esse/isso, aquele/aquilo*, podendo passar para o aluno a ideia de que se trata de um “pacote”, ou seja, de que as formas *aí, aqui, ali, lá* sempre ocorrerão acompanhadas desses pronomes; o que não se revela correto ao observamos os dados aqui analisados.

Sendo assim, caberá ao professor não se restringir apenas ao aspecto dêitico ao apresentar as formas *aí, aqui, ali, lá* para seus alunos. Sendo igualmente necessário mostrar a presença dessas formas em expressões e em funções que não

apresentam função dêitica prototípica, uma vez que se encontram tão presentes no falar dos brasileiros, conforme observado análise dos dados.

6. Considerações Finais

O presente trabalho adotou o referencial da teoria Sistêmico – Funcional para propor uma análise descritiva e explicativa das formas *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* no português brasileiro, observando especialmente as ocorrências que não contemplam a abordagem prototípica dessas formas como advérbios de lugar.

Os resultados da análise demonstram que as formas analisadas, em especial os advérbios pronominais *aí* e *lá* se mostram bastantes produtivos em expressões muito presentes na fala do brasileiro, sejam estas fixas ou não; não sendo utilizadas apenas como elementos que apontam espaços físicos em relação aos participantes do discurso. Pelo contrário, a análise do corpus mostrou que esses vocábulos são incorporados por verbos e preposições formando expressões cujo significado ultrapassa e se desvincula da ideia de lugar.

Um dos objetivos de propormos a análise descritiva das formas *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* também foi contribuir para o ensino de PL2E fornecendo subsídios para a abordagem do tema em sala de aula, visto que os livros didáticos não contemplam os usos não abordados pela gramática prescritiva.

Tendo em vista o recorte feito para a organização do banco de dados (quantidade de dados e gênero textual), outras possibilidades de usos das formas *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* não foram contempladas, em especial, as expressões formadas por verbos *dicendi* + *aí*, tais como: ‘fala aí’, ‘diz aí’; além de outras expressões de uso semelhante em que não há presença de verbos *dicendi*, como: ‘e aí’, ‘chega aí’.

Para um entendimento mais abrangente das formas analisadas, uma proposta para trabalhos futuros é o estudo dos usos de *aí*, *aqui*, *ali*, *lá* em textos mais informais ou na língua falada em comparação com o que já foi observado em textos formais, uma vez que muitas ocorrências estão também relacionadas ao gênero textual.

7. Referências Bibliográficas

AZEREDO, J. C. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2000.

BARBARA, Leila e MACEDO, Célia Maria. *Linguística Sistêmico Funcional para análise de discurso: um panorama introdutório*. L&S **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. V.10, n.1, 2009, p. 89 – 107.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37^a. Ed. Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Lucerna: 2012.

CASTILHO, Ataliba. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. Contexto: 1^a edição, 2010.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 5^a edição, 2013.

HALLIDAY, M. A. K. (1994) **An introduction to functional grammar**. 2nd Edition, London: Arnold.

LIMA, Emma Eberlein o F e ANTUNES, Samira. **Falar ... Ler ... Escrever ... Português. Um curso para estrangeiros**. Ed. E.P.U., 2005.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2 ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011a [2000]

Novo Avenida Brasil 3: Curso Básico de Português para Estrangeiros. Ed. EPU - Grupo Gen, 2008.

OLIVEIRA, M. R; AGUIAR, M. T. *A trajetória advérbio > clítico no uso dos pronomes aí, ali, aqui e lá*. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. (org). **Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009, p. 142- 152.

